

# Janela para a modernidade

Jota Alcides

15 AGO 1991

"Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor, missão maior e mais nobre". Seguramente, o entusiasmado dom Pedro II não repetiria hoje essa proclamação que lhe é atribuída, tal o estado deplorável a que chegou no Brasil o sistema de ensino e dentro dele a condição extremamente desprestigiada dos professores. Parece até haver uma anestesia mental dominando a administração pública e a própria sociedade, diante da questão, como se fosse possível a construção do progresso e da grandeza do País sem o necessário avanço educacional do seu povo.

Como, por exemplo, abrir ao Brasil a janela da modernidade sem que seja resolvido o problema essencial do seu desenvolvimento — a educação? Trata-se de um sonho ou pura fantasia que não resiste à dura realidade. O País não conseguirá ultrapassar os limites do subdesenvolvimento se não realizar uma verdadeira revolução que transforme, ousadamente, o quadro dramático do seu atual sistema de ensino, vítima de uma autêntica desintegração progressiva e angustiante.

São muitos os erros e as distorções acumulados ao longo de décadas. É reconhecida a desqualificação generalizada da educação de 3º grau, ou universitária. Como é amplamente alardeada a falência do ensino de 2º grau, gradativamente debilitado. Mas, grave mesmo, é a situação no nível do 1º grau, onde tudo começa e devia ser bem alicerçado. O problema tem origem já na má distribuição da rede escolar existente, gerando dificuldade no acesso das crianças brasileiras ao ensino.

Dos 25 milhões de crianças que o Brasil tem hoje no 1º grau, segundo recente levantamento do MEC e do IBGE, pelo menos cinco milhões estão com sua trajetória educacional antecipadamente definida. Simplesmente deixarão a escola na quarta

Educação

CORREIO BRAZILIENSE

série, porque 85 por cento dos 191 mil estabelecimentos de 1º grau no País só oferecem até a quarta série. Ou seja, o Brasil não consegue cumprir o que adotou como legalmente obrigatório, o ensino fundamental para todos.

E dentro das escolas da rede de 1º grau é preocupante a situação dos professores que estão ensinando às crianças do Brasil. Estudo divulgado agora pela Fundação Carlos Chagas mostra que, na atualidade, três milhões e meio de crianças no País estão sendo alfabetizadas por professores leigos, com baixo nível de escolaridade e sem qualquer preparação para a docência. Pela mesma avaliação, cerca de seis por cento de 1 milhão e cem mil professores de 1º grau no Brasil tentam dar às crianças uma formação que eles próprios não receberam. Como poderão ensinar o que não aprenderam? Como poderão preparar milhões de crianças para o futuro, se estão despreparados para enfrentar a realidade presente, apesar de todo o esforço e dedicação?

Sem especialização docente, muitos, muitos mesmo, são professores por circunstâncias e critérios ditados pela necessidade. Com remuneração, em algumas áreas do Norte e Nordeste, até menor que o salário mínimo. Mas, em geral, insignificante, como satiricamente tem denunciado o Professor Raimundo, da escolinha televisiva. É imperiosa a necessidade de valorização real dos professores, especialmente no ensino de 1º grau, com formação adequada e dignidade salarial, para que seja possível uma revolução consequente e produtiva no sistema educacional brasileiro. Ou o Brasil faz essa revolução ou desiste de sonhar em correr na direção do Primeiro Mundo. Sem uma educação qualificada e democratizada não haverá consciência nacional criadora e transformadora que poderá abrir ao País a janela para a modernidade.